

Costa Couto vai manter Álvaro na Funai



O Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, considera a nomeação do novo presidente da Funai, Alvaro Villas-Boas, como uma medida de "caráter irrevogável". Reunidos em Brasília, vários indígenas mostram-se contrários ao ato assinado pelo presidente José Sarney e ameaçam não permitir que Villas-Boas entre na Funai. O governo já tem os nomes dos indígenas que lideram o movimento contra a nomeação e poderá demitir os funcionários

principalmente silvícolas — da Funai que participam do protesto, "porque exercem cargos de confiança". Certo de que a crise será superada, Costa Couto lembra que nem mesmo o ex-Marechal Rondon conseguiria a unanimidade desejada. Ele sustenta que "Villas-Boas assume com a autoridade de quem tem uma vida dedicada à causa indígena".

Decisão não muda

"É uma decisão de Governo e isso foi dito pelo ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto", afirmou, às 22h05 de ontem, o superintendente da Funai, sertanista Apoena Meirelles. Ao se referir ao pronunciamento do ministro — feito durante a posse e depois reiterado em entrevista — Apoena deu a entender que a nomeação de Villas-Boas, mesmo sob o protesto de várias correntes, será mantida. Outro sertanista, que preferiu ficar sob o manto do anonimato, explicou que a autoridade do Governo não pode, nesse episódio, ser colocada em jogo, como ocorreu algumas vezes na Velha República quando índios amotinados derrubaram decretos presidenciais nomeando presidentes da Funai. Para hoje, às 8h30, está prevista uma nova rodada de reuniões no Ministério do Interior — só que agora com a participação de lideranças indígenas ouvidas ontem pelo deputado-cacique Mário Juruna.



Ao discursar, Costa Couto enalteceu as qualidades do novo presidente da Funai, Alvaro Villas-Boas

Megaron explica a sua presença na solenidade

O sertanista Alvaro Villas-Boas, 62 anos, foi empossado ontem no cargo de presidente da Fundação Nacional do Índio, em solenidade presidida pelo ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, e à qual compareceram somente dois índios: o diretor do Paque do Xingu, Megaron Txucaramã, e seu primo Puiú. Eles, e vários representantes de 15 outras comunidades indígenas que estão em Brasília, mesmo sendo contra o nome de Villas-Boas para titular do órgão tutor, se sentiram "obrigados" a estar presentes "para atender convite do ministro", explicou.

"Eu, pessoalmente, não gostei da indicação porque Alvaro é muito ligado ao passado. Foi uma surpresa para todos nós a sua nomeação. Ele é contrário à participação do índio na administração da Funai, porque acha que lugar de índio é na aldeia. Mas nós queremos participar. Vou colocar meu cargo à disposição. Se ele demitir o pessoal que nós gostamos, eu saio junto. Estou e estarei sempre ao lado do meu povo", disse Megaron.

Ele ficou desapontado em não poder se pronunciar na solenidade de posse de Alvaro embora tenha sido convidado para participar da mesa, e afirmou:

— Eu queria falar mas não pude. Eu queria e vou pedir a Alvaro para não trazer pessoas que já foram funcionárias da Funai, de volta ao órgão, e para não demitir as pessoas que os índios gostam e que ele não gosta.

Discurso
O ministro Costa Couto disse, em seu discurso, considerar "grande" a aceitação

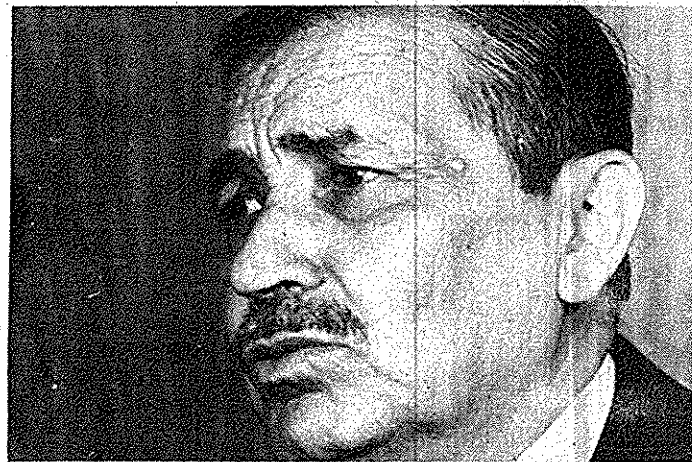
no nome de Alvaro, mas está certo de que não havia nenhuma unanimidade na indicação. "No entanto, mesmo o Marechal Rondon, no atual momento da vida nacional e na vida da Funai, não teria unanimidade".

Alvaro assume a Funai com a autoridade de quem tem uma vida dedicada à causa indígena. Assume para respeitar o índio, para continuar praticando seu imenso carinho e amor ao índio, e para dar mais força, ainda, à política de delimitação de demarcações das suas terras, acentuou dizendo, ainda, que Alvaro vai comandar "uma profunda cirurgia administrativa no órgão tutor".

Diálogo
Ele salientou em seu pronunciamento que "o diálogo será a grande arma de mudança e transformação da entidade. Diálogo, arma principal da Nova República, e produto do compromisso democrático do governo José Sarney". Lembrou também, que Alvaro assume o cargo "para aplicar bem os recursos do órgão".

Ele disse que o novo presidente pode esperar do Minter, em sua gestão, "uma torcida para que tudo dê certo e apoio incondicional para fazer o que não pode deixar de ser feito".

Revanchismo, não
Alvaro Villas-Boas afirmou que pretende trabalhar intensamente em favor dos índios, "sem ideia de revanchismo, sem querer perseguir quem quer que seja", referindo-se aos comentários que já davam conta de várias demissões na Funai, de pessoas contrárias à política indigenista de paternalismo por ele defendida.



Na fisionomia de Villas-Boas, a preocupação com o índio

Líderes armados tomam a sede da Funai no SLA

Cinquenta índios, reunidos ontem na sede da Fundação Nacional do Índio, no Setor de Indústria e Abastecimento, alguns deles portando bordunas, para demonstrar seu descontentamento e decisão em não aceitar a indicação de Alvaro para seu presidente, esperavam, ansiosamente, o dia de hoje, quando chegarão a Brasília várias lideranças indígenas de todas as partes do País, para discutir a nomeação de um novo nome para o cargo.

— Uma coisa está certa, Alvaro não fica na presidência e Apoena também não assume interinamente, como estão querendo, disse o assessor da superintendência, índio Jorge Terena, formado em Teologia nos Estados Unidos.

Para ele, «não compensa aceitar alguém que, como Alvaro, representa a Velha República, é autoritário. Já que estamos numa democracia, mesmo sendo minoria, é necessário participarmos dela».

Ele acredita que por trás da nomeação de Alvaro esteja o ranço da Velha República de querer extinguir a atuação dos índios na administração do órgão, e lembrou que recentemente «os homens da confiança do ministro» quiseram acabar com o cargo de chefe de gabinete, conquistado pelos índios.

— Na fase de escolha do nome de Gerson não houve consenso, mas agora estamos todos unidos contra Alvaro. Então, será mais fácil chegarmos a um nome comum, admitiu Jorge Terena, dizendo estar certo de que quem deveria ocupar o cargo seria um índio, e citou o nome de seu primo Marcos Terena, atual assessor para Assuntos da Cultura Indígena do Ministério da Cultura, e que, segundo Jorge, em princípio não aceita a indicação.

O certo é que agora as

tribos Juruna, Terena, Xavante, Bororó, Karajás, Bakairi, Kariri-Socó, Pataxó, Pancarã, Xerente, Guarani, Kaiowá, Araribá, Ticuna e Kadwêu, hoje a Funai abrigará lideranças, também, dos Kaingang e do Xingu, como o cacique Raoni, que chegará acompanhado de mais 20 líderes determinados a não aceitar a indicação de Costa Couto.

Essa nova crise na Funai pode prejudicar o desempenho do ministro Costa Couto à frente da Pasta do Interior, já que, caso os índios se manifestem nessa firme disposição, terá se repetido o episódio da indicação do técnico Hayrton Carneiro de Almeida, que logo após a demissão do então presidente Nelson Marabuto, em abril, deste ano, não assumiu o cargo, pois os índios não permitiram. A exemplo daquela vez, também agora as lideranças não foram consultadas.

Um bom exemplo da disposição dos índios foi a afirmação de um índio Terena de que apesar de já estarem em Brasília aproximadamente 350 índios, «em hotéis e outros lugares», somente 50 se encontravam na Funai porque o bom guerreiro não se apressa, age com calma, para não despertar o inimigo».

Ele disse que os índios já estão desagradados com as frequentes trocas de presidentes. Afora Marabuto, que era do Governo militar, e permaneceu até abril deste ano na presidência, duas pessoas nos últimos seis meses já passaram pelo cargo e uma terceira (Alvaro) está ameaçada de não exercer, também, o mandato em sua plenitude.

Dessa ideia comunga, ainda, Jorge Terena, que disse que os índios não terão pressa em escolher o próximo nome, pois não querem «alguém que saia duas semanas depois».

Katia Aguiar

«O governo não pode abrir mão do exercício de sua autoridade». Assim, o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, se manifestou ontem com relação às manifestações de grupos indígenas contrárias à indicação de Alvaro Villas-Boas para presidente da Funai.

Mesmo tendo dissertado sobre a importância do «diálogo» no discurso de posse de Alvaro, mais tarde, quando na Funai o clima era tenso e surgiam os mais diversos boatos nos corredores do Ministério, dando conta até da «queda» do ministro em razão da «pouca habilidade em administrar a sucessão» ele interrompeu uma reunião e disse aos jornalistas:

A decisão de manter Alvaro será mantida. É uma questão de disciplina, de autoridade do governo.

Alguém lembrou, então, onde estava a democracia da Nova República, sugerindo que os índios deveriam ter sido consultados antes da nomeação, ao que Costa Couto respondeu:

O que você quer? Diretas, já para os índios? Um plebiscito? Lembrou também, que «desde a sua criação, nunca houve consenso quanto à escolha dos dirigentes da Funai». Mais uma ponderação: ministro, a Funai foi criada num regime autoritário (militar) não havia como haver consenso e nem sequer escolher um candidato.

«E, talvez a solução seja diretas já, não sei».

Mesmo em tom de bom humor, querendo aparentar tranquilidade, Costa Couto estava tenso. Da reunião participavam o ex-presidente Gerson da Silva Alves, o superintendente, Apoena Meirelles, o deputado Mário Juruna, que numa ligação interurbana gritava aborrecido palavras no seu idioma: e os irmãos Alvaro e Orlan tentando uma solução para o desentendimento instalado.

Pouco a pouco Gerson, Apoena e Juruna se retiraram e foram até a Funai. Prudentemente, Alvaro não deixou o Ministério, ficando para um próximo dia a sua posse de fato.

Índio abusa, diz novo presidente

«Isso é um abuso e não pode ocorrer mais» desabafou o novo presidente da Funai, Alvaro Villas-Boas, ao saber, ontem, que os índios Evódio Vargas e Jorge Milles — ambos Terena — usaram toda a máquina da Funai para torpedear a nomeação feita pelo presidente José Sarney. O desabafo tem a sua ponta de razão: os dois índios são funcionários da própria Fundação Nacional do Índio (Evódio é chefe de gabinete interino na gestão de Gerson Alves da Silva, e Jorge, assessor especial).

Durante todo o dia de ontem, as informações que chegavam ao gabinete do ministro Costa Couto eram unânimes em apontar os dois Terena como os líderes do movimento. Experimentado no trato das coisas públicas, Alvaro condenou a atitude da dupla não escondendo seu desejo de demiti-los sumariamente porque ele entende que, sendo ocupantes de cargos de confiança, os dois «jamais poderiam usar mecanismos próprios da Funai» como rádio e telex para insuflar silvícolas de outras regiões.

Até mesmo Gerson da Silva Alves, ex-presidente que saiu para dar lugar a Alvaro Villas-Boas, não escondeu sua irritação com os dois Terena, quando chegou ao Ministério do Interior às 15h05. «Eles estão errados», sentenciou. Confirmando-se a posse de Villas-Boas, seu primeiro ato será afastar todos os índios-funcionários da Funai que participaram do verdadeiro motim colocando em risco a integridade física dos demais servidores. «O pior é que todos sabemos que esses índios são manipulados. Eles não representam o verdadeiro índio brasileiro».

Ao mesmo tempo, ele soube que a participação dos Terena tem, também, um fundo político na medida em que Marcos Terena, assessor do ministro da Cultura, Aloisio Pimental, tenciona ser candidato a deputado federal. «E os dois Terena da Funai nada fazem sem consultá-lo», disse a Villas-Boas um tarimbado funcionário da Funai reclamando que Gerson Alves permitiu que esses índios ganhassem muito espaço político na medida em que se omitiu em várias questões. (Nota do Editor)